



Traços do Jornalismo Literário em Reportagens-perfil da Revista Tpm¹

Juliana Diógenes de Araújo Lima²
Ronaldo Salgado³

Resumo:

O artigo pretende discutir e identificar traços literários nos perfis jornalísticos feitos pela revista Tpm, tomando como objeto três reportagens-perfil da publicação. Com base na questão “de que maneira os recursos textuais e estilísticos do jornalismo literário se manifestam na construção dos perfis da Tpm?”, o intuito deste artigo é utilizar características do jornalismo literário e de reportagem-perfil para identificar as influências da literatura no jornalismo. E também diferenciar os tipos de construção do personagem (personagem-tipo, personagem-caricatura, personagem-indivíduo). Para isso, vamos analisar três reportagens-perfil da Tpm, a fim de identificar o uso de recursos narrativos, da construção do personagem, da importância da linguagem usada, do uso de advérbios e adjetivos para dar plasticidade ao perfilado, do recurso de ambientação e da subversão do *lead*.

Palavras-chave: reportagem-perfil; perfil; jornalismo literário; revista Tpm

Introdução

A palavra “reportagem-perfil” carrega dois significados, por ser formada por um conjunto de duas palavras e porque representa dois gêneros diferentes – e em diferentes medidas: o jornalismo, que tem a reportagem como tipo textual jornalístico, e a literatura, que descreve o perfil de personagens nas narrativas. Existe um gênero jornalístico que busca mesclar tanto os princípios de ética, precisão, clareza, atualidade e universalidade que regem o jornalismo, quanto os recursos estilísticos da literatura, como aprofundamento, análise psicológica dos personagens, ambientação, descrição de cenário e construção de diálogos para compor o enredo; esse gênero é o jornalismo literário.

O artigo se propõe, pois, a analisar como se dá a relação entre reportagem-perfil e jornalismo literário. Quais são as influências que este gênero jornalístico oferece, de bases técnicas e recursos estilísticos, na construção de um personagem? De que maneira as fontes, que normalmente legitimam um acontecimento veiculado no jornalismo factual, passam a assumir posição central numa reportagem? Com base nessas questões, o artigo se compõe de teorias tanto do jornalismo literário, quanto sobre reportagem-perfil e características de revista. Como estudo de caso, foram selecionadas três reportagens-perfil (Renata Fan, Alice Miceli e Camila Pitanga) da revista Tpm, que serão analisadas, uma a uma, a partir de

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática I (DT 1 – Jornalismo), da Intercom Júnior – VI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) e Graduanda do 5º. semestre do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará. Email: judiogenesufc@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Email: ronaldo@ufc.br



recursos textuais da literatura, como adjetivação, ambientação, tempo, espaço, e de recursos textuais que rompem princípios básicos rígidos do jornalismo, como a fragmentação do *lead*, o repórter como 1ª pessoa e a descrição detalhada do ambiente da entrevista.

1. Jornalismo literário como expansão do jornalismo factual

Jornalismo literário tem, para alguns teóricos e jornalistas, o mesmo significado que Novo Jornalismo. O foco deste artigo, contudo, não se propõe a entrar no mérito de diferenciá-los histórica ou categoricamente. Seja qual expressão for a mais correta, será utilizado “jornalismo literário” como gênero, considerando que também não é a intenção tratar de jornalismo como parte da literatura, nem como atividades independentes. Aqui vamos analisar as expressões literárias no jornalismo. E jornalismo literário remete, principalmente, às reportagens de revistas, onde esse gênero jornalístico mais se destaca. Mas por que o espaço da revista é um ambiente onde o jornalismo literário naturalmente se desenvolve com mais destaque? E uma questão anterior a essa: Quais são os limites entre o jornalismo factual do impresso diário e o jornalismo com mais abertura literária das revistas, principalmente as culturais?

Para o estudioso da temática, Felipe Pena, essa diferença entre jornalismo literário e o jornalismo factual diário é mais amplo do que simplesmente fugir das amarras de tempo e espaço limitados pela Redação. Escrever jornalisticamente, com recursos literários, “significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos” (PENA, 2006, p. 13). É o que ele chama de estrela de sete pontas, que serão explicadas uma a uma a seguir.

O primeiro conceito de Pena ou a primeira ponta da estrela, como chama, é “potencializar recursos jornalísticos”. Um princípio fundamental do jornalismo literário: utilizar-se de experiências do jornalismo tradicional e expandi-las. Os princípios básicos da redação continuam imprescindíveis no jornalismo literário: a apuração rigorosa, a clareza, a observação atenta, a abordagem ética. A diferença entre o jornalismo feito diariamente e a revista é que, além dessas posturas, o repórter pode inserir recursos estéticos. É o que Sérgio Vilas Boas ressalta, ao falar das diferenças entre linguagem literária e linguagem jornalística: “Como categoria estética literária, a linguagem jornalística se caracteriza pela correção, clareza, precisão, harmonia e unidade. E o texto literário tem uma função estética. O modo



como se diz alguma coisa em literatura, às vezes, é mais importante do que o próprio conteúdo do que se diz”. (VILAS BOAS, 1996, p. 60)

O jornalismo literário busca fundir esses dois tipos de linguagem: jornalismo como essência, literatura como estética. O segundo conceito de é o de “ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano”. Tem influência direta do primeiro conceito, mas é mais específico: aqui, o jornalista rompe com a periodicidade e a atualidade, características fundamentais do jornalismo factual diário - como o próprio nome já anuncia.

É preciso explicar que, por “atualidade” pode-se entender a urgência da “novidade”, da qual o jornalismo factual diariamente se nutre: é a busca pelo repasse das informações o mais imediatamente possível⁴. E ao se referir à “periodicidade”, Pena destaca que, na produção de uma reportagem literária, o deadline é mais extenso, e por isso não há a preocupação comum com hora do fechamento de redação. Já Cláudio Abramo destaca a relação da reportagem, a observação minuciosa do repórter no momento de concluir matérias densas como a reportagem: “A reportagem é uma narrativa, simplesmente uma narrativa. Ela depende muito do poder de observação do narrador, da maneira de transmitir essa observação em palavras e de saber concatenar bem a forma de expressá-la. Uma observação cuidadosa não é necessariamente uma boa reportagem. Mas uma reportagem é necessariamente o fruto de uma observação cuidadosa.” (ABRAMO, 1988, p. 111)

Neste terceiro conceito, a ênfase é na “visão ampla da realidade” que esse gênero jornalístico é capaz de proporcionar. Não se trata de conferir uma abordagem mais completa e interpretativa, mas sim uma busca de contextualização mais abrangente. “Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração”. (PENA, 2006, p.14)

Na quarta ponta da estrela de Pena, o conceito é “exercitar a cidadania”. A proposta é que, ao escolher um tema, deve-se ter cuidado com a abordagem, a fim de que ela contribua para a formação do cidadão, para o bem comum. É a sensibilidade para perceber temas relacionados ao que o autor chama de “espírito público”. Essa é uma preocupação naturalmente presente na essência do jornalismo, e isso independe do gênero jornalístico.

⁴ O conceito de “atualidade” é mais complexo do que simplesmente a dualidade antigo x atual. O jornalismo vive da atualidade das informações e, muitas vezes, um fato que aconteceu nos anos de 1960, que os jornais deram cobertura, até hoje são inseridos como um fato atual porque influencia na atualidade. É o que defende o jornalista Ronaldo Salgado (2006) em *A crônica reporteira de João do Rio*: “Falar em espírito do jornalismo por os olhos na etiqueta da atualidade; afinal, o conceito de jornalismo é indissolúvelmente ligado ao de atualidade” (SALGADO, 2006, p. 156). E no jornalismo literário, além dessa noção de que é preciso escrever um texto mais profundo, que transcenda apenas o acontecimento como atual e novo, existe a influência da noção de ‘permanência’ que existe na literatura. Os livros duram, as notícias do jornalismo factual podem ou não durar mais do que um dia, e as reportagens com influências literárias são a mistura dessas duas noções de literatura e jornalismo; pois busca a permanência, a longa duração, a atemporalidade.



A quinta característica do jornalismo literário diz respeito à abertura para a livre construção – e subversão - do *lead*. É o rompimento com as “correntes do *lead*”, como sugere Pena. O lide⁵ é uma fórmula que compõe a estrutura narrativa básica um texto jornalístico; fundamenta-se em responder seis questões: Quem? Quê? Como? Onde? Quando e Por quê? O *lead* dá margem para a pasteurização e a padronização das matérias jornalísticas, mas é um norte básico para o repórter selecionar as informações mais importantes a serem repassadas, geralmente, logo no primeiro parágrafo.

Já o sexto conceito que caracteriza o jornalismo literário diz respeito a “evitar os definidores primários”, que seriam os entrevistados de sempre, aos quais mais se recorre normalmente em matérias de jornalismo diário. São as fontes oficiais: secretários, governadores, advogados, desembargadores, psicólogos, sociólogos etc. “Como não há tempo no Jornalismo diário, os repórteres sempre procuram os personagens que já estão legitimados neste círculo vicioso. Mas é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados”, defende Pena (2006, p.15).

A última ponta da estrela é a “perenidade”. Esse conceito diz respeito ao ideal da profundidade de uma matéria de jornalismo literário em detrimento da efemeridade, que beira ao superficialismo, das notícias do jornalismo diário. Em outras palavras, isso significa dizer que a construção da estrutura narrativa de um texto que segue a linha do jornalismo literário deve ser considerada a partir de uma quantidade maior de fontes – e fontes diferenciadas, como ressalta o conceito anterior – e de preocupação do repórter em manter um ritmo envolvente de contação da narrativa.

E a estrutura básica de uma narrativa literária, como sabemos, é constituída geralmente por elementos como ambientação, temporalidade, personagens e problematização. O jornalismo, em especial as reportagens jornalísticas, apropria-se de recursos da linguagem literária e adequa aos princípios já citados - de clareza, veracidade, ética, dentre outros. Essa maior liberdade na construção das matérias recheadas de traços literários, os quais buscam a liberdade em transcender os conceitos rígidos e essenciais do texto jornalístico, como o *lead*, é comumente observada em revistas.

O texto de uma revista semanal é mais investigativo e interpretativo, menos objetivo e mais criativo. Quanto à criatividade, aproxima-se muito do estilo literário. Grosso modo, a fórmula mais comum da revista semanal de

⁵ Para explicar melhor o que é o lide, nada melhor que um teórico do tema, Nilson Lage. Lage define lide em Estrutura da notícia como sendo “o primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso, embora possa haver outros lides em seu corpo. (...) Quanto ao conteúdo, o lide é o relato do fato principal de uma série, o que é mais importante ou mais interessante” (LAGE, 2006, p. 29).



informações é a narrativa, privilegiando a prática da reportagem na maioria das seções. (VILAS BOAS, 1996, p. 41)

A essência do jornalismo parte da observação da realidade, mas sobretudo do que essa realidade tem de singular. Na elaboração da reportagem, o que muitas vezes é o diferencial é a observação atenta aos detalhes de um fato, ou de um personagem, por parte do repórter. O resultado é a construção de uma narrativa envolvente e, sobretudo, fluida na distribuição de informações que compõem a situação ou o perfilado. É o que Nilson Lage diz: “Muitas reportagens resultam da observação de fatos que geralmente passam despercebidos” (2005, p. 45).

Uma revista que se destaca na produção de reportagens em linguagem literária é a *Tpm*, a versão feminina da *Trip*. A editora que as produz leva o nome de uma das revistas: *Trip*. No site da editora, a publicação jornalística para mulheres é definida como:

Com uma abordagem natural e cheia de originalidade, a *Tpm* traz os temas e debates mais polêmicos do universo feminino por meio de matérias que traduzem o dia a dia das mulheres. Lançada em 2001, a revista nasceu com o objetivo de atender às mulheres insatisfeitas com o tratamento dispensado a elas pela maioria das publicações femininas do país. Com um conteúdo moderno e inovador, a *Tpm* representa muito bem a realidade desse [sic] de mulheres com um ótimo acesso à cultura e à informação. (Disponível em: http://revistatrip.uol.com.br/tripeditora/nucleo_trip.php?id=21 Acesso em: 14 de julho de 2010).

O destaque à importância do perfil das leitoras, no sentido de ser necessário ter um acesso “ótimo” à cultura e à informação, direciona o repórter no momento da elaboração da reportagem. Em jornalismo, o público leitor é determinante para o direcionamento das “narrativas” reportageiras. E sobretudo se as temáticas e o conteúdo das matérias forem sobre acontecimentos já enaltecidos pela mídia diária, que prima pela instantaneidade da cobertura, ou sobre pessoas com relevância política, artística, cultural etc, como escritoras, apresentadoras, políticos, cineastas, dentre outros – na maioria mulheres. Mas o foco deste artigo não entra no mérito de discutir público leitor e nível de escolaridade ou de cultura; tomaremos como referência, ao tratar de reportagens, uma definição de Marcelo Bulhões:

A reportagem dedica-se a detalhar os fatos, situando-os no entorno de suas motivações e implicações. Possui variantes de formato, ora mais descritivos, narrativos, expositivos, dissertativos; e constrói-se com a apuração laboriosa das informações, por meio de entrevistas e da consulta a diferentes versões. (BULHÕES, 2007, p.45)



O importante é ressaltar que a apuração de uma reportagem deve ser criteriosa, na busca por construir um texto informativo e coerente, e também deve conferir uma atemporalidade. (Aqui, mais uma vez, retomamos o conceito de ‘permanência’ da literatura, já citado na nota de rodapé 4, na qual a ordem é que a obra atinja uma repercussão (a)temporal que seja capaz de ultrapassar séculos, mas permanecer ‘atual’). Para construir a reportagem com uma linguagem universal, que transcenda as fronteiras do tempo em que foi escrita, é imprescindível entender que, ainda que uma fatia de leitores não tenha acesso “à cultura e à informação”, como ressalta a definição do público da Tpm, um dia esses leitores podem ascender a um nível que os leve a se interessar por uma reportagem escrita quatro, cinco ou seis anos antes, mas o conteúdo dela não “se perder”, ser atual, ser contextualizado. Esse é um princípio, independentemente de público leitor, pelo qual o repórter – principalmente de revista – deve se nortear: linguagem universal e construção estrutural ligada ao sentido de ‘permanência’ herdado da literatura, capaz de conferir a atemporalidade que diferencia a notícia da reportagem.

2. Reportagem-perfil: personagens não-ficcionais

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari defendem que, no jornalismo, os personagens são vistos, pelo repórter, como um fato. “O jornalista não faz ficção, não cria seus personagens” (Sodré e Ferrari, 1986, p. 64). Com base nessa postura que centraliza o personagem, e nos tipos de construção textual jornalística, é preciso diferenciar as fontes convencionais dos personagens. Ambos são fontes e, sendo fontes, são entrevistadas e oferecem informações. As fontes de informação que, via de regra, são utilizadas numa notícia, são aquelas oficiais - cujo acesso é mais fácil e rápido do ponto de vista da necessidade de urgência da apuração jornalística dos veículos diários.

Já as fontes das reportagens, em especial de revista, passam a ser personagens que contribuem para compor o panorama da narração jornalística. Isso significa dizer que, apesar de as fontes até poderem ser as mesmas das matérias do jornalismo factual, as reportagens vão além dessa mera função de “dois lados da história” que rege e orienta a escolha das fontes no jornalismo diário dos veículos.

Os personagens, dentro da reportagem, são vistos dentro de uma perspectiva do fato: é o fato que puxa as fontes/os personagens, são as fontes/os personagens que legitimam e dão voz ao fato. Essa possibilidade de usar as fontes de informação como um elemento de narrativa literária, o personagem, dentro da descrição de um acontecimento da reportagem,



abre caminhos para uma observação mais apurada e profunda das fontes – e isso é fundamental em um texto que segue a perspectiva do jornalismo literário.

Sobre reportagem, o teórico que estuda a convergência entre jornalismo e literatura, Marcelo Bulhões, situa como o ambiente onde a criatividade, as invenções e inovações transitam com maior liberdade em comparação com outros tipos de texto informativo, de texto jornalístico. Isso porque literatura e jornalismo confluem: as fronteiras são atravessadas naturalmente.

Ainda de acordo com Bulhões (2007, p. 45), em comparação com um evento noticioso, a reportagem se destaca como espaço de extensão descritiva da realidade. Essa descrição gera, na reportagem, tanto uma composição realista do personagem, quanto, no caso da caracterização de um acontecimento, a plasticidade e a coloração do cenário onde ocorreu o fato jornalístico. No caso do personagem em uma reportagem, que pode aparecer ou não designado numa reportagem-perfil, a construção da figura se dá com base em traços. Esses traços são descritos por Vilas Boas com base em Meredith e Fitzgerald (1993):

Qualquer personagem possui traços característicos. Meredith & Fitzgerald (1993, p. 107) afirmam que um romancista emprega traços gerais, físicos, pessoais e emocionais. Segundo os dois autores, o ambiente e a hereditariedade formam os traços gerais; os traços físicos são aqueles expressos na criação física da pessoa; os traços encontrados nos aspectos éticos e sociais do indivíduo são os pessoais; os descobertos nos moldes mental e psicológico do indivíduo são traços emocionais. (VILAS BOAS, 1996, p. 64)

Esses traços, na verdade, não necessariamente caracterizam apenas pessoas na reportagem-perfil. O personagem pode ser um indivíduo, como em geral é, mas também pode ser um prédio, uma cidade, um carro. Sobre isso, Ricardo Kotscho assegura: “entre as mil maneiras de se fazer um perfil, uma delas é acompanhar um dia na vida do personagem ou do lugar” (Kotscho, 1986, p. 46).

O que não se pode confundir, nas revistas em especial, é a reportagem perfil com o perfil, que em geral vem acompanhado de uma entrevista imediatamente em seguida, com. E essa divisão é clara na revista Tpm: existe uma seção de título “Páginas Vermelhas”, onde há um breve perfil seguido da entrevista ping-pong, e a seção “Perfil”, na qual é publicada uma reportagem-perfil. É o caso, por exemplo, da edição 93 da Tpm, em que Marina Silva é entrevistada na seção “Páginas Vermelhas” e, para contextualizar a entrevista, uma descrição breve da vida de Marina é tecida. Fatos da infância evidenciados, motivos que a levaram a querer se candidatar à presidência da República e dificuldades enfrentadas por Marina



estavam no perfil. Inclusive, na construção desse perfil, o repórter se utilizou de observar o ambiente ao redor de Marina para construir a personagem. É o que observamos nas primeiras palavras do perfil: “Logo na recepção do gabinete de Marina Silva no Senado Federal tem uma planta. De plástico. Não exatamente o que se imagina encontrar por ali. A senadora, afinal, é a mais importante ambientalista do país”.

Algumas características básicas entre reportagem-perfil - onde não há a entrevista com pergunta e resposta, mas com um formato fragmentado e transcrição de diálogo, normalmente – e perfil são as mesmas. Na reportagem-perfil, como vamos observar mais adiante, a necessidade de pesquisa é diretamente relacionada à busca pela construção bem apurada, consistente, profunda, estilosa, dentre outras técnicas. Com a diferença que, para elaborar uma reportagem-perfil, faz-se necessário um resgate na vida daquele personagem: desde que era criança até hoje, com fotos para ilustrar e sempre concatenando as informações que descrevem os personagens ainda que em épocas diferentes. A essência é a mesma, mas a extensão da descrição do personagem e o conteúdo são mais limitados no perfil que introduz o personagem para que seja entrevistado. E, sobre isso, é preciso ressaltar: a ideia da reportagem-perfil não é apenas introduzir um personagem, mas dar vida a ele com palavras de quem busca construir um retrato profundo, fruto de pesquisa e de entrevista com outras fontes.

E esses personagens, segundo Sodré e Ferrari (1986), podem ser três: personagem-tipo, personagem-caricatura e personagem-indivíduo. Em comum: as reportagens-perfil, seja de qual tipo de personagem for, devem buscar a construção de um retrato de seu modo de vida, costumes e sentimentos. Também é importante, para compor o personagem, colher fotos de arquivo pessoal, detalhar o ambiente da entrevista, observar detalhes do personagem durante todo o ato de entrevistar – expressões, trejeitos, manias. São estratégias que se evidenciam no texto jornalístico exemplificado aqui pelas reportagens-perfil.

Para a construção de um personagem-indivíduo, primeiro tipo descrito por Sodré e Ferrari, “o retrato é mais psicológico do que referencial - o interesse recai sobre a atitude do entrevistado diante da vida, seu comportamento, a peculiaridade de seu modo de atuação” (Sodré e Ferrari, 1996, p. 134). A preocupação do repórter durante a entrevista deve ser com os acontecimentos imprevisíveis, ou seja, é preciso estar atento ao que foi citado já no parágrafo acima: durante a conversa, interrupções, expressões, vocativos utilizados e piadas contam para constituir o personagem. É o fluxo dos acontecimentos instantâneos que traduzem, como retrato psicológico, as particularidades daquela pessoa. O diferencial é, pois, a observação dos detalhes, não só do personagem, durante o diálogo.



Já o personagem-tipo, como o próprio nome já sugere, trata de pessoas cuja profissão represente um tipo: esportistas, cantores, artistas, príncipes. Nesse caso, Sodré e Ferrari afirmam: “A menos que se salientem por outro traço qualquer, o normal será enfatizar, no perfil, justamente aquilo que lhes deu fama – habilidade, talento, dinheiro, beleza ou qualquer atributo típicos de suas classes ou profissões”. (Sodré e Ferrari, 1986, p. 134). Esse é o caso da reportagem-perfil da jornalista esportiva e apresentadora de um programa de esportes da RedeTV!, Renata Fan, publicado na edição 99 da revista Tpm. No texto, o repórter construiu o panorama da sua paixão pelo futebol desde que era criança, mesclou com acontecimentos familiares e os esportes, e situações engraçadas em que tentou apitar um jogo tranquilo e acabou tendo de marcar faltas pra receber atenção. A reportagem será analisada com mais detalhes no próximo capítulo. Mas o importante a observar, em primeira instância, é que esses recursos misturam algo óbvio relacionado ao tipo – e ao comportamento que se espera – com informações de um passado que ajudou a influenciar o que o personagem é hoje. É como Sodré e Ferrari (1986) ressaltam: na reportagem sobre um personagem-tipo, as lembranças são de extrema importância para a caracterização do entrevistado: presente e passado de mãos dadas.

Na construção do perfil do personagem-caricatura, a ênfase é na peculiaridade daquela pessoa, ou seja, no diferencial. Podem ser pessoas que destoem do comportamento sociocultural padrão, “de gestos grotescos e atitudes mirabolantes” (Sodré e Ferrari, 1986, p. 136). O comportamento é, pois, o que deve ser evidenciado; uma vez que o personagem se manifesta como uma figura que, normalmente, se destaca entre a multidão⁶.

Portanto, após analisar esses diversos tipos de personagem de reportagem-perfil, as semelhanças com o jornalismo literário podem ser facilmente identificadas. Os traços que, jornalisticamente, tanto o personagem-tipo, quanto o personagem-caricatura e o personagem-indivíduo, têm em comum, é a base herdada de literatura, de descrição e ambientação dos personagens da reportagem que se enquadra numa estrutura narrativa de influência literária.

Para compor a reportagem-perfil, o mais indicado é fazer uso de traços do jornalismo literário. Sobre a essência deste gênero, Felipe Pena (2006, p. 105) destaca pontos que podem perfeitamente se encaixar como exigências semânticas e estruturais da reportagem-perfil. Os

⁶ Sodré e Ferrari (1986) também destacam o miniperfil e o multiperfil. Os protagonistas são retratados a partir de um relato maior, que conduz a reportagem. Aqui, no miniperfil, o destaque é dado aos fatos, à ação ou ao levantamento de dados; os personagens são secundários. Esse tipo de construção textual da reportagem-perfil remete, novamente, à literatura, devido à forma como se estrutura essa narrativa jornalística, a fim de manter o enredo e ao mesmo tempo dar enfoque em vários personagens.

Já o multiperfil é realizado por vários repórteres, sendo que o objeto da narração vai norteá-los para uma congruência de assuntos. A cobertura do personagem é intensa, pois geralmente ele tem grande importância social e merece destaque. Devido a isso, é comum que seja reservado, no jornal ou na revista, um espaço maior do que outras matérias tiveram, para publicação de artigos, crônicas, poemas, entrevistas, infográficos, fotos, para compor o multiperfil. O conjunto forma uma grande reportagem e, por isso, um grande perfil – no caso de cobertura de um personagem específico (pessoa, prédio, cidade).



pontos são: “imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive de metáforas), digressão e humanização.” São os princípios do jornalismo, a habilidade do repórter e os traços da literatura, que, juntos, são capazes de enriquecer a construção de personagens das reportagens-perfil.

3. Recursos do jornalismo literário nas reportagens-perfil da Tpm

A partir desses pontos fundamentais para o jornalismo literário de que falou Felipe Pena, é possível perceber que a construção de um personagem, um prédio ou uma cidade exige, além de profundidade, estilo e digressão, um tom realista à reportagem: “uma precisão de dados e informações” (PENA, 2006). Sobre esse realismo, Tom Wolfe, jornalista e expoente do chamado Novo Jornalismo, explica um momento na década de 60 em que os jornalistas estadunidenses despertaram para a necessidade de adequar os traços realistas ao jornalismo. Wolfe diz que, naquela época da efervescência do gênero jornalístico com traços literários, os repórteres aprenderam “do nada” as técnicas realistas.

Por meio de experiência e erro, por ‘instinto’ mais que pela teoria, os jornalistas começaram a descobrir os recursos que deram ao romance realista seu poder único, conhecido entre outras coisas como ‘imediatismo’, sua ‘realidade concreta’, seu ‘envolvimento emocional’, sua qualidade ‘absorvente’ ou ‘fascinante’. (WOLFE, 2005, p. 53)

Independente de ter sido ele um dos expoentes do jornalismo literário ou não, o que importa considerar aqui, é o destaque ao uso dos recursos literários, sobretudo herdados do realismo, no texto jornalístico. É como reforça Bulhões (2006, p. 163): “A construção de um jornalismo apoiado na literatura – ou o contrário – só poderia florescer se se tomassem as bases das tendências retratistas do Realismo Social, interessadas na concretude do mundo aparente”.

Deixando de lado uma análise histórica mais aprofundada de Realismo Social, também defendida por Wolfe, vamos nos ater, a seguir, a uma análise dos tipos de recursos literários - herdados do Realismo -, com base nos que foram utilizados nas três reportagens-perfil da revista Tpm.

Sodré e Ferrari (1986, p. 15) definem as principais características de uma reportagem: “Predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista, objetividade dos fatos narrados. (...) Será sempre necessário que a narrativa (ainda que de forma variada) esteja presente numa reportagem”. No caso das reportagens-perfil, um tipo mais específico de escrever reportagens, a narrativa é construída considerando o personagem



como um fato; é a partir deste ‘objeto central’, o perfilado, que se desenvolvem outras informações do enredo jornalístico.

E no caso de reportagens veiculadas em revistas, a preocupação com a construção do texto é ainda maior, como aponta Vilas Boas: “A revista precisa de uma abertura envolvente. Uma história contada sem o *lead* deve ter começo, meio e fim. (...) Em termos de interesse, a abertura segue a mesma proposição do lead. Porém, não segue as mesmas normas” (1996, p. 45). Nas reportagens-perfil, as informações principais – que normalmente vêm no *lead* – não precisam “necessariamente vir nas primeiras linhas” (VILAS BOAS, 1996), elas geralmente vêm fragmentadas no decorrer da narrativa. No caso da reportagem-perfil sobre a atriz da Rede Globo, Camila Pitanga, na edição de número 89, o texto se inicia de modo a já ambientar o espaço onde a entrevista foi realizada: “Ninguém recebe a reportagem da *Tpm* na casa do Jardim Botânico, bairro classe média carioca”.

Para auxiliar a construção do personagem, Tom Wolfe aponta quatro recursos literários, aqueles herdados do Realismo: construção cena a cena, o diálogo, o ponto de vista e o detalhamento do status de vida (WOLFE, 2005). Na reportagem-perfil sobre a atriz global Camila Pitanga, a descrição do ambiente feita pelo repórter leva ao detalhamento do status de vida e também segue o outro recurso de construção cena a cena:

Vamos entrando e, chegando à sala, um quadro de Vik Muniz, com a imagem de Camila Pitanga, assegura que estamos no lugar certo. Como ele, outros quadros estão só apoiados no chão, num estilo que parece ‘artístico’, mas a dona garante que é falta de tempo para pendurar mesmo. Uma mesa de jantar, sofás e poltronas habitam o ambiente, deixando ainda espaços vazios. Horas depois, um entra e sai de visitas, que não são recebidas nem levadas à porta – como o ator Antonio Pitanga, pai da Camila -, esclarece que a regra da casa é mesmo ir entrando. Ficar à vontade é consequência, pois um dos traços mais fortes da anfitriã é a espontaneidade.

Camila chama a repórter de ‘flor’, tem o hábito de perguntar se está tudo ‘tranquilo’ (sem pronunciar som de trema) e de apertar as pessoas. Faz isso com o sogro, que está hospedado em sua casa: segura seu rosto com as mãos e encosta a testa dela na dele. Quando Antonia, 1 ano e meio, passa pela mãe, é esmagada num abraço seguido de beijos. Ainda sem muito vocabulário no repertório, a pequena solta uns ‘ai, ais’ e ri. (CAMILA REIVENTADA, Revista *Tpm*, Edição 89. São Paulo, 6 de julho de 2009. Disponível em: <http://revistatpm.uol.com.br/revista/89/perfil/camila-reinventada.html>)

A ambientação deste início de reportagem-perfil, peça fundamental numa narrativa convencional, confere uma intimidade e indica traços da personagem Camila Pitanga. Vilas Boas destaca a importância dessa postura descritiva e observadora: “Apesar de não intervir nas falas ou na ordem delas, o narrador pode fornecer as informações sobre o que ocorre no

“cenário” (no espaço físico e nas ações/reações dos personagens)” (VILAS BOAS, 1996, p. 58).

A repórter diz: “(...) Um dos traços mais fortes da anfitriã é a espontaneidade”, aí se manifesta um dos quatro recursos realistas listados por Wolfe: o ponto de vista. Essa construção com base no olhar do repórter remete àqueles traços já citados aqui que são descritos por Meredith & Fitzgerald (1993, p. 107) e mencionados no estudo de Vilas Boas: “um romancista emprega traços gerais, físicos, pessoais e emocionais”. E com base nisso, o jornalista compõe seus personagens a partir do ponto de vista individual, acrescentando a descrição do ambiente que cerca esse personagem. É o que Vilas Boas indica ao repórter: “Descubra imagens, citações ou anedotas relacionadas com o assunto da matéria e amarre-as à ideia central”. (VILAS BOAS, 1986, p. 47). No caso da reportagem-perfil, o assunto da matéria é o próprio personagem, logo, é a partir dele que surgem as informações.

Nesse tipo de reportagem, o uso de expressões específicas, por parte do repórter, tem direta influência e relação com o personagem-tipo. É o que acontece no abre de outro perfil da edição 99 da revista Tpm, o da apresentadora de um programa esportivo na Band, Renata Fan: “Ex-miss Brasil, hoje ela discute com boleiros na TV sem perder a dividida”. A expressão ‘sem perder a dividida’ tem relação direta com futebol que, naturalmente, é um dos assuntos discutidos no programa comandado pela jornalista. Mais um recurso literário pra ambientar a construção do perfilado.

Em seguida, outro traço ressaltado por Wolfe (ponto de vista) e também por Vilas Boas (narrador-intruso), a repórter Milly Lacombe, que assina a reportagem-perfil de Renata Fan: “(...) Essa é a história que eu contaria sobre Renata Fan se tivesse apenas um parágrafo. Como tenho mais espaço, vamos às outras”. Aqui, tanto o repórter se coloca em 1ª pessoa – traço claro do jornalismo literário -, quanto faz uso do coloquialismo para envolver o leitor na história. Sobre esse tipo de narração em que o repórter se dá voz, Vilas Boas define:

O narrador-onisciente conhece os acontecimentos e até os pensamentos dos demais envolvidos na reportagem. Este tipo de ‘foco narrativo’ talvez seja o que mais aproxime a reportagem jornalística da narrativa literária. O narrador onisciente pode permanecer neutro em relação aos fatos ou pode se intrometer. Neste último caso, o ‘intruso’ faz comentários da vida e do comportamento das personagens. Os comentários, então, podem não estar sintonizados com a história narrada. (VILAS BOAS, 1996, p. 53).

O repórter/narrador busca situações reveladoras do personagem envolvido, atento ao cenário da reportagem e às reações, aos dramas e aos conflitos; e a partir disso pode se



posicionar com o intuito de obter essa (impressão de) intimidade que pode ser percebida pelos leitores.

Agora outro recurso literário utilizado, em especial, nas reportagens é o tempo. Vilas Boas coloca:

O assunto pode ir e vir, passear no tempo, afastar-se em direção ao passado ou ao futuro. O ponto de referência é o presente. (...) Os planos de tempo são introduzidos, em geral, pelo que Oswaldo Coimbra aceita como “demarcadores”. São tempos verbais (faz, fazia, aconteceu, andava etc); adjuntos adverbiais (em setembro de 1969, na Era JK, às vésperas de 31 de março etc); estações climáticas (no último verão, a primavera parisiense de 68, o próximo outono etc). Quando aproximamos fatos do passado, narrando-os como se estivessem acontecendo no presente, temos um tempo verbal chamado “presente histórico” (Coimbra, 1993, p. 49). (VILAS BOAS, 1996, p. 55)

Isso pode ser evidenciado nas três reportagens-perfil da revista Tpm escolhidas como objeto de análise: tanto no da apresentadora de programa de esportes Renata Fan, quanto da atriz Camila Pitanga e da cineasta Alice Miceli. As repórteres colhem informações desde a infância e adolescência das perfiladas e brincam com as informações na medida em que desenvolvem o texto, não necessariamente na ordem cronológica de ocorrência dos acontecimentos. É o que acontece no perfil de Alice Miceli, publicado na edição 98 da Tpm. Já no antepenúltimo parágrafo do perfil - na conclusão do texto, pois -, a repórter Cristiane Ramalho retoma um fato que aconteceu na infância de Alice para contextualizar um fato atual:

Alice tinha 6 anos quando o reator explodiu. A nuvem radioativa, além de contaminar regiões da antiga União Soviética, espalhou-se por Europa e Escandinávia. ‘Houve um pesar na minha casa, até pela simpatia que meus pais tinham pelos comunistas’, diz a carioca, filha de antropólogos de esquerda – ex-guerrilheiro da VAR-Palmares, seu pai é professor de história da PUC-RJ. ‘Lembro das imagens na TV, que mostravam um lugar assombrado. Aquilo me marcou. (ALICE NO PAÍS DO HORROR, Revista Tpm. Edição 98. São Paulo, 11 de maio de 2010. Disponível em: <http://revistatpm.uol.com.br/perfil/alice-no-pais-do-horror.html>)

Além dessa ida e vinda no tempo no decorrer do texto não há, necessariamente, nas reportagens, como ressalta Coimbra, “uma correspondência entre a duração de um fato e a extensão que ele ocupa na narrativa” (1993 *apud* VILAS BOAS, 1996, p. 57).

Já no perfil de Camila Pitanga, o tempo cronológico também é fragmentado dentro da ordem do tempo narrativo da reportagem-perfil. Ao falar que a atriz alugou uma sala comercial para estudar a personagem que vai interpretar, nos próximos meses, na próxima novela da Rede Globo, a repórter retoma um traço de quando Camila era criança, realizando uma digressão (uma das características do jornalismo literário):

Essa organização tem origem na infância, quando Vera e Antonio se separaram, e ela e o irmão, que também virou ator, ficaram com o pai. Eles se mudaram da Barra da Tijuca para Jacarepaguá, onde Antonio mora com Benedita (*aqui, Benedita da Silva, governadora do Rio de Janeiro em um curto período de 2002*) até hoje. ‘Meu pai tinha mais estrutura psicológica para nos criar’, lembra a atriz, referindo-se ao tratamento psiquiátrico pelo qual a mãe passou. ‘Ela alternava momentos de afetividade com isolamento, conta Camila. ‘Assumir uma família e ter filhos foram coisas duras pra mim, muita responsabilidade... Mas Camila é uma excelente filha’, garante Vera. O pai concorda. ‘Ela era uma criança com sensibilidade maternal, desde cedo me ajudou a levar o barco. Tinha uma visão madura. Foi marcante quando Rocco teve dificuldades para desenvolver a fala, aos 4 anos. Então, Camila e eu combinamos de não interrompê-lo, para que concluísse, sem pressão, suas frases. Ele superou a dificuldade só com nossa ajuda. Foi uma atitude nobre dela, que era tão nova’, orgulha-se Antonio, o Pitangão. (CAMILA REIVENTADA, Revista Tpm, Edição 89. São Paulo, 6 de julho de 2009. Disponível em: <http://revistatpm.uol.com.br/revista/89/perfil/camila-reinventada.html>)

Também é possível notar, com base nesse excerto, que a construção do perfilado não se atém apenas a uma conversa com o personagem. Na verdade, é necessário conversar com familiares e, se possível, com outras fontes também presentes diariamente na vida do personagem em questão, como amigos e funcionários do prédio onde mora, por exemplo. Toda essa pesquisa, em busca de alcançar uma profundidade e um ponto de vista incomum do entrevistado, é exigência da reportagem-perfil e, sobretudo, de reportagens que seguem a linha do jornalismo literário. A fragmentação do *lead*, as adjetivações, a estrutura narrativa construída por personagens que vão além da função simplesmente de fontes de informação, a ambientação (construção cena a cena), a reprodução do diálogo, as fotos de arquivo pessoal: todos esses recursos, com técnicas jornalísticas e traços literários misturados, tornam o personagem um fato – e sobretudo dão vida e cor ao perfilado.

Conclusão

A literatura no jornalismo: jornalismo literário. Neste gênero, traços literários que contribuem com estilo, profundidade, descrição do ambiente (espaço), descrição da infância à vida adulta (tempo), tipos de narrador etc. Esses recursos que o jornalismo se apropria, da escola Realista principalmente – devido à proximidade com o jornalismo –, auxiliam de maneira fundamental para o texto jornalístico da reportagem. No caso da reportagem-perfil, especificamente, a fonte de informação do jornalismo factual deixa de ser apenas fonte e assume a vez de fato: o personagem é o papel central, é dele que partem as outras informações. Se o repórter mantiver, no momento da apuração e produção da reportagem-



perfil, os princípios básicos do jornalismo (clareza, ética, veracidade de informação, linguagem universal, dentre outros) e estudar os recursos literários apropriados para a construção mais realista e plástica possível do personagem, o resultado é o que o jornalismo literário busca: uma confluência positiva entre a factualidade jornalística e o estilo literário.

Referências

ABDALLAH, Ariane. Camila reinventada. **Revista Tpm.** #89. São Paulo, 6 de Jul. de 2009. <Disponível em: <http://revistatpm.uol.com.br/revista/89/perfil/camila-reinventada.html>> Acesso em: 12 de julho de 2010.

ABRAMO, Cláudio. **A regra do jogo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em Convergência.** São Paulo: Ática, 2007.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem.** São Paulo: Ática, 2000.

LACOMBE, Milly. Renata Fan. **Revista Tpm.** #99. São Paulo, 3 de Jun. de 2010. <Disponível em: <http://revistatpm.uol.com.br/revista/99/perfil/renata-fan.html>> Acesso em: 12 de julho de 2010.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia.** São Paulo: Ática, 2006.

LUNA, Fernando. Marina Silva. **Revista Tpm.** #93. São Paulo, 13 de Nov. de 2009. <Disponível em: <http://revistatpm.uol.com.br/revista/93/paginas-vermelhas/marina-silva.html>> Acesso em: 12 de julho de 2010.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** São Paulo: Contexto, 2006.

RAMALHO, Cristiane. Alice no país do horror. **Revista Tpm.** #98. São Paulo, 11 de Mai. de 2010. <Disponível em: <http://revistatpm.uol.com.br/perfil/alice-no-pais-do-horror.html>> Acesso em: 12 de julho de 2010.

SALGADO, Ronaldo. **A Crônica Reporteira de João do Rio.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda., 2006.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística.** São Paulo: Summus, 1986.

VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine: o texto em revista.** São Paulo: Summus, 1996.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo.** Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.